
Jornais comunitários, Lazer e favela: A construção do meu lugar¹

Diogo Silva do NASCIMENTO²
Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais - MG

Resumo

Este é um desdobramento de uma tese de doutorado que ainda está em andamento e objetiva investigar a história dos espaços de lazer no Morro do Timbau (conjunto de favelas da Maré- Rio de Janeiro), a partir da memória e registros dos moradores. O artigo apresenta um levantamento de dados dos jornais comunitários do Bairro acerca das práticas de lazer que ocorrem nas diferentes comunidades que compõem o conjunto de favelas da Maré. Foram investigados jornais com registros de 1982 até os dias atuais. O trabalho buscou investigar as práticas de lazer que são vivenciadas pelos moradores e como essas, a partir do lazer, ressignificam esse território que é tão marcado pela violência. Assim, o trabalho aponta para a importância de dar voz às experiências que, em um quadro sociocultural, constroem “múltiplos mundos sociais” em que a individualidade e a subjetividade estão estreitamente ligadas às experiências de construção que são tecidas para além dos estigmas fomentados pelas grandes mídias.

Palavras-chave: lazer, comunicação popular, jornais comunitários, memória, ausências, favela.

Introdução

“Festas juninas na Maré, diversão garantida para todos os gostos”, “Acelera que isso é FUNK”. As manchetes do jornal comunitário Maré de Notícias, no mês de junho de 2018 (Edição 89), destacam os eventos e reforçam o convite das festividades para os moradores do bairro Maré, localizado na zona norte do Rio de Janeiro. No jornal O Cidadão (edição de junho / 2018), o destaque vai para a realização de atividades da Virada Sustentável no bairro, ação realizada em vários lugares do Brasil desde 2016 em comemoração ao Dia do Meio Ambiente. Em contraste com essas notícias, durante o mesmo mês de junho, a Maré ganhou destaque nos jornais de grande circulação por outros motivos. Como, por exemplo, a matéria veiculada na TV Globo e compartilhada pelo portal de notícias G1: “Polícia e Exército fazem operação contra o tráfico de drogas no conjunto de favelas da Maré” (publicado em 20/06/2018).

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Estudo do Lazer (UFMG) e Graduado em Educação Física.

Esse conflito de narrativas expõe a diferença do que é considerado um valor-notícia³ para os veículos de comunicação de grande circulação, como é o caso dos jornais O Globo e O Dia no RJ, e para veículos de comunicação de circulação local, como os supracitados jornais comunitários da Maré. Essas narrativas repetidas várias vezes acabam construindo uma imagem mental para os leitores, criando uma identidade para o personagem (no caso, o bairro Maré). Acompanhando somente as notícias do mês de junho, pela grande mídia, as imagens associadas à Maré são de bandidos, tráfico de drogas, assassinato, polícia, perigo, tiroteio, medo, entre outras. Já de acordo com os jornais locais, as imagens destacam espaços de sociabilidade, cultura, festas, diversão, música, etc. Os contrastes revelam identidades distintas para o mesmo território, e essa construção simbólica afeta diretamente os moradores do lugar, pois também eles são associados à identidade do lugar em que vivem.

Por todo esse contexto, o artigo tem como foco principal resgatar a história dos espaços de convivência e lazer no Morro do Timbau, Maré, por meio dos registros de jornais comunitários desde 1982, uma vez que foram esses canais de comunicação que deram mais espaço e visibilidade para outros aspectos do bairro que não a violência e o crime. A escolha editorial comum aos jornais comunitários tem em seu cerne a própria razão que motivou o surgimento desses canais voltados para a comunicação popular. De acordo com a professora doutora em comunicação, Círcia Maria Krohling Peruzzo (2006), a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo.

Em síntese, a comunicação popular e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2006, pg.4)

Entendendo os jornais comunitários como uma ferramenta crítico emancipatória, busquei pesquisar informações a fim de viabilizar as práticas de lazer que são vivenciadas pelos moradores e como esses, a partir do lazer, ressignificam esse território

³ Segundo Mauro Wolf (1985), os valores notícia são componentes de noticiabilidade que orientam sobre quais acontecimentos serão considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias.

que é tão marcado pela violência. Assim, o artigo aponta para a importância de dar voz às experiências que, em um quadro sociocultural, constroem “múltiplos mundos sociais” em que a individualidade e a subjetividade estão estreitamente ligadas às experiências de construção simbólica, tecidas para além dos estigmas fomentados pelas grandes mídias.

Conhecendo o Território

Por ser um local historicamente marcado pela “ausência” (ZALUAR, 2003), o Conjunto de favelas da Maré explicita a precariedade ou omissão de políticas públicas e a situação de exclusão social, configurando claramente, como assinala Alba Zaluar (2003), “uma manifestação de injustiça distributiva”. A Maré é constituída por diferentes localidades e conjuntos habitacionais na região da zona norte do Rio de Janeiro.

O bairro fica situado próximo à Universidade Federal do Rio de Janeiro e entre as principais vias expressas da cidade (linha vermelha e linha amarela). Segundo o Censo Maré⁴(CEASM, 2003), a região conhecida por agrupar pescadores e pessoas vindas do nordeste, foi ocupada desde a década de 40 por barracos e palafitas, constituindo, assim, a primeira comunidade nomeada de Morro do Timbau (1940). Apesar de existir desde a década de 1940, a Maré só foi reconhecida como bairro pela prefeitura no ano de 1994.

O nome Maré surgiu com a proximidade das águas que, por causa de seu curso natural, faziam a maré subir. Devido a essa característica, surgiram diversos problemas para os moradores da região. As construções precárias, por exemplo, ajudavam a proliferação de cobras e ratos, e as consequências disso eram o surgimento de várias doenças.

Com o passar dos anos, as palafitas foram dando espaço a barracos mais consistentes, graças ao aterramento de grande parte da região promovida pelo poder público. Desse modo, segundo o Censo Maré (CEASM, 2003) surgiram outras comunidades na região como a Baixa do Sapateiro (1947), Conjunto Marcílio Dias (1953), Parque Roquete Pinto (1955), Parque Rubens Vaz, Parque União e Parque Maré (1961), Nova Holanda (1962) e Praia de Ramos (1962).

Na década de 1980, houve a transformação da maioria das habitações para casas de

⁴O Censo Maré 2000, foi uma pesquisa feita pelo Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM) e teve como objetivo fazer um grande levantamento censitário na região. O estudo trouxe dados importantes que, mesmo passado quase duas décadas, ainda se apresentam como importante fonte de dados para estudo daquela região.

alvenaria. Nesse período, surgiram, também, os primeiros conjuntos habitacionais construídos pelo Estado como a Vila do João e o Conjunto Esperança em 1982 e a Vila dos Pinheiros em 1989. Na década de 1990, surgiram os conjuntos habitacionais Bento Ribeiro Dantas (1992), Nova Maré (1996) e Salsa e Merengue (2000).

A população residente no bairro da Maré, segundo o Censo Maré (CEASM, 2003) era de 132.176 habitantes vivendo em 38.273 domicílios e distribuídos em 17 comunidades. Segundo este mesmo censo, 30% da população era composta por crianças de zero a quatorze anos, o que significa uma demanda de serviços especiais voltados para esta faixa etária, tais como educação, cultura e lazer.

O surgimento das comunidades deu-se na seguinte cronologia (CEASM, 2003):

1940: Morro do Timbau
1947: Baixa do Sapateiro
1948: Conjunto Marcílio Dias
1953: Parque Maré
1955: Parque Roquete Pinto
1961: Parque Rubens Vaz
1961: Parque União
1962: Nova Holanda
1962: Praia de Ramos
1982: Conjunto Esperança
1982: Vila do João
1984: Vila do Pinheiro
1989: Conjunto Pinheiros
1992: Conjunto Bento Ribeiro Dantas
1996: Nova Maré
2000: Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue)

Pensar em território, no contexto das grandes cidades, incita uma reflexão importante sobre a definição do território favelado. Silva (2009) inicia sua argumentação sobre a definição da favela relatando que, historicamente, o eixo paradigmático de sua representação é focado na ausência.

Pode-se dizer que a existência de uma representação usual a partir da definição negativa do termo é baseada no que falta/ faltaria e não no que possui. No contexto apresentado, as favelas seriam consideradas espaços “destituídos”. Destituídos de “infraestrutura urbana (água, luz, esgoto, coleta de lixo), sem arruamento, globalmente miserável, sem ordem e sem moral”.

Desconstruindo essa noção de homogeneidade, Alvito (2001) fala da importância do estudo das microáreas como “pedacinhos da favela” para compreender as diferenças de cada conjunto de favelas. Além disso, Valladares e Preteceille (2000) destacam a

necessidade de averiguar as desigualdades dentro da própria pobreza, em especial, quando se pensa a desigualdade nos diversos espaços sociais e territórios de uma cidade. Em outras palavras, sinalizam que “não se deve negligenciar a dimensão espacial da desigualdade que se manifesta pelas diferentes modalidades de segregação socioespacial” (ALVITO, 2001, p. 158).

Milton Santos (2007), em suas contribuições sobre território, coloca que a pobreza não seria apenas criada por questões econômicas, mas também por causas geográficas e que o “valor de cada um é ditado pelo lugar onde se encontra”.

Aprofundando essa concepção, podemos pensar no estudo das desigualdades existentes dentro dos próprios territórios “excluídos”, pois, mesmo em espaços já segregados, pode haver uma intensificação desse processo, através do surgimento de “subcomunidades” que seriam marginalizadas.

Nessa perspectiva, pensar a Maré de forma homogênea é tratá-la como um território marcado pela violência e por pessoas pobres. Entretanto, adentrando o bairro, perceberemos que existem diversas “Marés” que são recortadas por diferentes favelas que apresentam suas próprias peculiaridades. Essas diferenças passam pelo contexto social, econômico e habitacional.

Além disso, apesar de a Maré ter se tornado bairro há mais de duas décadas (1994), o lugar é conhecido também pelo prenome “Complexo” tornando-se “Complexo da Maré”. Segundo Alvito, esse prenome também é usado para estigmatizar o território favelado:

O termo “Complexo”, hoje amplamente utilizado para designar grupos de favelas (Complexo da Mangueira, Complexo da Maré, Complexo do Jacarezinho, etc.) é originário do vocabulário penal: “Complexo Penitenciário Frei Caneca”, por exemplo, engloba diferentes “instituições penais” como Penitenciária Milton Dias Moreira, a Lemos Brito e o Hospital Penitenciário. Hoje em dia, o uso difundiu-se tanto que até mesmo a prefeitura o utiliza: em julho de 1997, a placa do programa favela bairro indicava: “Complexo da Mangueira”. (ALVITO, 2006, p. 185)

A favela tem, nesse sentido, termos que estigmatizam os seus moradores, que acabam por ocultar sua própria identidade, ou seja, acabam aceitando a sua posição de subcidadãos perante a cidade. Termos que são constantemente visto nos jornais de grande circulação e telejornais.

Com o intuito de desconstruir essa lógica, foram construídos meios de comunicação comunitária que buscaram fortalecer o sujeito morador da favela como ator principal da história do seu lugar. Nesse caminho, os jornais comunitários da Maré enalteceram, ao longo dos anos, a importância desses lugares para a história da cidade, e serviram como um

importante meio de reverter a lógica de negação e silenciamento do indivíduo, do território e da sua identidade.

Jornais comunitários – A Maré vista de perto e de dentro.

Apesar do jornal só entrar em casa aos domingos, havia duas outras ocasiões que faziam o jornal ser comprado mais vezes. Uma delas era quando o botafogo se tornava campeão e a outra era quando havia uma matéria sobre a Maré. Era comum o jornal acabar cedo na banca do Seu João quando tínhamos alguma notícia do bairro no jornal. Geralmente, essas notícias traziam informações que reforçavam a violência como meio e fim do território. Para exemplificar, havia jornais que tinham como características estampar os corpos dos traficantes mortos nas regiões periféricas do Rio. Confesso que ver a Maré no jornal era um show de horrores.

Na década de 1980, surgiu um jornal chamado União Maré. De acordo com registros que constam na região, esse foi o primeiro jornal feito pelos próprios moradores e era apresentado como o “primeiro instrumento de comunicação dos moradores a trabalhar a concepção de um bairro a partir das localidades da área da Maré. Ao que consta no seu editorial, o jornal tinha como objetivo enfatizar a importância do associativismo na Maré e procurava fortalecer as lutas contra as políticas de remoção, que ainda são práticas históricas na relação Governo/Favela.

Anos mais tarde, no final da década de 1990, nascia a ONG Ceasm com o intuito de empoderar a juventude moradora do Conjunto de Favelas da Maré. Para criar novas imagens do território, o Ceasm lançou, em 1999, o jornal comunitário O CIDADÃO para fortalecer a identidade local, como consta em seu editorial⁵. O jornal era distribuído de graça e indicava claramente que a “identidade” e o “senso de pertencimento” dos moradores da Maré marcariam as publicações. Isso pode ser exemplificado com o fortalecimento do termo favela e da criação do termo mareense, como formas de criar identificação dos moradores com o bairro, já que historicamente havia uma negação dessa identidade⁶. Em sua primeira edição, a equipe de comunicação escreveu:

O desejo maior com esse instrumento de comunicação é ampliar o conhecimento- pelos moradores da Maré- da variedade de experiências positivas, realizadas por grupos culturais, escolas, associações e moradores individualmente, que têm como objetivo tornar nossa comunidade um lugar

⁵ <http://jornalocidadao.net/sobre/>

⁶ A negação da identidade pode ser exemplificada por grande parte dos moradores, na época, ocultarem a informação de que moram na Maré.

mais agradável pra se viver.

Para isso, não podemos deixar de descrever e analisar nossos problemas, de forma que possamos buscar as melhores soluções – de forma coletiva e organizada- para solucioná-los. Afinal, nós, moradores, temos uma vivência que nos permite discutir os melhores encaminhamentos para o exercício da cidadania.

E o que o Ceasm entende como Cidadania? Muita coisa: a possibilidade de que os trabalhadores tenham emprego e seus direitos garantidos; que nossas crianças tenham uma escola de qualidade, que nossos idosos sejam respeitados e tenham um atendimento médico decente; que nossos jovens tenham possibilidade de ter acesso a trabalho, educação e não sofram as violências que os atingem, cada vez mais, atualmente.

Cidadania é ter o direito de reclamar dos nossos direitos e sermos atendidos; mas é também o compromisso com os nossos deveres: respeitar o espaço coletivo, cumprir nossas obrigações com o poder público e contribuir para que nossa Maré seja um espaço criativo, saudável e bonito.

“O Cidadão” é você, parte de nós. Acima de tudo, é mais uma demonstração do Ceasm de seu compromisso com a Maré, com nosso lugar. Que crescamos juntos. (Jornal O Cidadão, nº1, 1994)

Nos primeiros anos, o jornal transformou vários moradores antigos em protagonistas da história do bairro. Dona Orozina, que era conhecida por ter sido uma das primeiras moradoras e por ter se encontrado com o então presidente Getúlio Vargas, teve sua vida contada em diversas edições do jornal. Outros protagonistas também foram criados como o seu Agamenon, que teve um papel importante em uma das associações de moradores, e o Seu Atanázio, com sua histórica alfaiataria.

Com o tempo, outras editorias foram adicionadas, tais como Saúde, Educação, Segurança, Cidadania, Esporte, Musical, Perfil, Cultura, Memórias da Maré, Dicas da Vovó, Comunicação, Entrevista, dentre outras.

Em 2009, com o surgimento da ONG Redes da Maré, que acabara de iniciar sua atuação (2007), surge o jornal Maré de Notícias. A linha editorial do jornal muito se assemelhava ao jornal O Cidadão. Em sua primeira edição, o jornal trouxe na capa a frase: “Da Maré para a Maré”, acompanhado do seguinte texto:

Novo jornal pretende ocupar o espaço deixado pela mídia tradicional que, em geral, fala da Maré e de outras favelas de forma negativa. Segundo pesquisa: “Por um jornal da Maré: diga como você quer!”, realizada pela Redes de Desenvolvimento da Maré, a maior parte dos moradores já tem o hábito de se informar, mas sente falta de notícias positivas, como projetos sociais, cursos, e esportes oferecidos gratuitamente. Os moradores desejam também acompanhar questões do cotidiano local, como problemas de saneamento que muitas vezes provocam alagamento e lama nas ruas. O novo jornal vem ao mundo com o desafio de atender a esse desejo dos moradores. Um jornal feito na Maré, por pessoas comprometidas com a Maré, mas que trará ainda informações sobre o que acontece em outros espaços populares, um anseio dos moradores, segundo a pesquisa. (Jornal Maré de Notícias, nº1, 2009)

Como vimos, os jornais apresentados tiveram em seus discursos editoriais o objetivo de criar um meio de comunicação que enaltecesse o cotidiano mareense, principalmente as vivências tecidas para além da violência, já que essa temática era/é a única contada pelos jornais de grande circulação. Assim, pesquisando o conteúdo dos três jornais aqui apresentados, esse artigo teve como objetivo entender as diferentes atividades de lazer que são praticadas no conjunto de favelas da Maré. Os dados buscaram analisar as edições disponíveis dos três jornais comunitários com o intuito de entender os tipos de práticas de lazer coletivas que já foram registradas nos jornais comunitários. E, dialogando com os estudos de Alvito sobre micropedacinhos, também busquei entender como estas práticas são divididas em cada comunidade.

Jornais comunitários e as diferentes práticas de lazer na Maré

Sendo o primeiro jornal da Maré que se tem registros, o União Maré, tinha como grande objetivo “apontar para um esforço de “união”, de congregação entre as comunidades da área da Maré, uma região que até então não era vista como unitária” (47). Contudo, nos arquivos do Museu da Maré só foi encontrado uma edição do jornal. Nessa edição foi possível ver que o jornal tinha uma coluna voltada para o “Esporte”, que trouxe notícias de um dos principais times da Maré, o Benfica Futebol Clube.

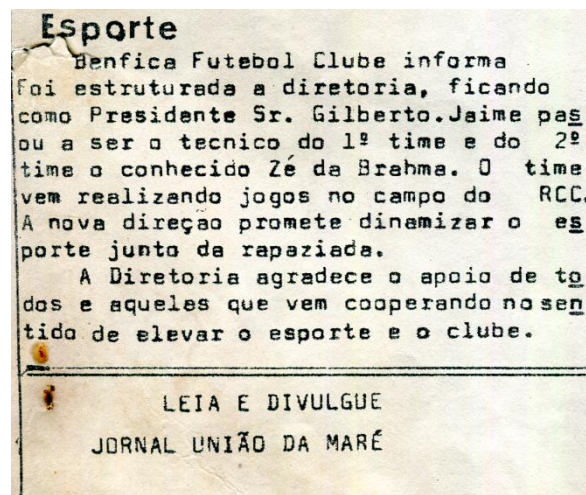


Figura 1: Jornal União Maré. Fonte: Arquivo Museu da Maré

Jornal Cidadão e Maré de Notícias

O jornal O Cidadão e o Maré de Notícias se tornaram referência no bairro e

fomentaram inclusive pesquisas acadêmicas⁷. Apresentam-se como importantes meios de comunicação que tem um papel fundamental na construção da identidade do bairro. Os jornais trouxeram em suas edições registros importantes sobre as práticas esportivas e de lazer em diferentes partes da Maré. Inclusive, resgataram algumas práticas culturais que existiram no passado, como o Arraiá do Bico Mudo, os blocos carnavalescos, antigos times de futebol e espaços de lazer.

Na edição nº19 (2002), o jornal O Cidadão trouxe a matéria com o título “A saga do Piscinão” que fazia alusão à inauguração da lagoa artificial. A lagoa trouxe uma nova (re)apropriação do espaço, pois servia como praia para moradores da Maré e de outros bairros da Zona Norte e até da baixada Fluminense, como dito na matéria, se tornou um espaço de lazer. A partir da edição nº23 (2002), o mesmo jornal criou uma coluna esportiva e começou a trazer notícias de práticas esportivas e de lazer em diferentes comunidades.

Explorando o contexto do lazer em outra perspectiva, o jornal Maré de Notícias resolveu criar uma agenda cultural de atividades separada por comunidades. Com isso, o jornal criou a possibilidade de o morador conhecer as atividades culturais que iriam acontecer em outras comunidades que, muitas vezes, não tinha o hábito de circular. Usando como base os dados encontrados nos sites dos respectivos jornais, foi possível construir uma tabela de atividades que ocorrem na Maré.

<u>Comunidade</u>	<u>Práticas de lazer</u>
Baixa do Sapateiro	Rock, Futebol, Jogos digitais, Skate, Tênis de Mesa, Samba e Forró
Conjunto Bento Ribeiro Dantas	
Conjunto Esperança	Karatê, Roda de samba
Conjunto Marcílio Dias	Sem registros
Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue)	Tênis, pagode
Conjunto Pinheiros	Sem registros
Morro do Timbau	Dança, Festa caipira, Cinema, Bloco de carnaval, Roda de samba
Nova Holanda	Bloco de carnaval, Skate, Baile Funk, carnaval, Pagofunk, Cinema
Nova Maré	Cinema, teatro, Rock

⁷HONORATO, MylenaAlayde de Castro. Jornal " O Cidadão": das ruas da Maré às ondas da blogosfera. 2009.
PINTO, André Luis Esteves. Jornal O Cidadão: Um jornal Comunitário na era da globalização.

Parque Maré	Baile charme
Parque Roquete Pinto	Taekwondo, baile flashback
Parque Rubens Vaz	Futsal, Voleibol
Parque União	Boxe, Skate, forró, Hip Hop, batalhas de MC's, baile charme, Pagofunk
Praia de Ramos	Futebol, Forró, Vôlei de praia, pagofunk
Vila do João	Futebol, Baile Funk, Sertanejo
Vila do Pinheiro	Vôlei de praia, Rock, Reggae, Forró, Sertanejo

Como podemos observar na tabela acima, as atividades e esportes separados por comunidades expõem algumas características territoriais de cada espaço. A Baixa do Sapateiro, por exemplo, apresenta atividades diversas. Isso se justifica muito pelos espaços de lazer (Vila Olímpica, Lona Cultural, Espaço cultural do Pontilhão e Praça da XVII) que abrangem todo o seu território. Além disso, os espaços mencionados são usados para práticas esportivas bem como para atividades culturais de lazer, que são muito ligadas a shows de samba, funk, forró, batalhas de passinhos e o pagofunk. Além disso, foi uma das primeiras comunidades da Maré a ter lan house promovendo torneio de jogos digitais.

O Morro do Timbau, por ter uma geografia bem diferente da Baixa do Sapateiro, não tem praças públicas ou equipamentos culturais da prefeitura. O lugar tem em sua história o surgimento de um cinema, de arraiás como o do Bico Mudo, os bailes charmes na Magnus, o Forró do Seu Manoel Gomes e o Bloco carnavalesco Corações Unidos. São atividades que não existem mais, no entanto, apesar de não ter um campo de futebol em seu território, a comunidade agrupa muitos times de várzea que jogam nas comunidades vizinhas, nos quartéis e até mesmo fora da Maré.

Outra comunidade que mostrou uma grande diversidade de atividades foi a Vila do Pinheiro que tem em seu território um parque com ciclovia, campos e brinquedos infantis. Foi nesse lugar que um grupo de jovens adaptou uma quadra para a prática do Vôlei de praia. Além disso, apesar de ter uma forte influência da cultura nordestina, a comunidade tem atraído muitos jovens com bares que tocam reggae, rock e vendem cervejas artesanais produzidas na própria Maré.

A Vila do João que é vizinha à Vila do Pinheiro tem um emblemático campo de futebol que fica em sua rua principal, e existe desde a sua inauguração. A rua principal

acaba abarcando diversos espaços de lazer que estão ligados à cultura nordestina. Aos finais de semana, é comum avistar dezenas de bares com músicas ao vivo, predominantemente forró, e pessoas dançando nas calçadas e ruas da comunidade. Nos sábados também acontece o baile funk, quase na divisa com a Vila do Pinheiro.

Os conjuntos mais recentes, Conjunto Nova Maré e Salsa e Merengue apresentam atividades diferentes de grande parte da Maré, como o cinema, o teatro, shows de rock, forró e outros gêneros que acontecem na Lona Cultura Nova Maré, e a adaptação de uma quadra poliesportiva para uma quadra de tênis na comunidade Salsa e Merengue.

O Parque União apresenta a característica de ser um grande polo da cultura nordestina na Maré. É um lugar marcado pela existência de vários bares com comidas típicas nordestinas e por sua praça reconhecida por receber, todo final de semana, atrações de forró. A criação do forró na praça foi contada no jornal Maré de Notícias.

Há 22 anos, Luis Fazendeiro, como era conhecido, um nordestino que gostava de forró, começou a organizar apresentações de bandas na Rua Roberto da Silveira, ao lado da Praça no Parque União. A primeira banda a se apresentar foi Sol e Magia, composta por moradores da comunidade.

Na época, as bandas se apresentavam na rua fora da praça, porque o local ainda não tinha a estrutura de hoje. Luís começou então a dividir as despesas dos shows com os comerciantes e, a partir daí, surgiu o modelo de cooperativa informal que funciona até hoje. Atualmente a praça conta com 31 financiadores, entre donos de bares, restaurantes e quiosques. (Jornal Maré de Notícias, nº 30, p. 14)

Ainda segundo o Jornal, a região recebe um grande público aos finais de semana sendo comparada com a Feira de tradições nordestinas, mais conhecida como feira de São Cristóvão.

A Praça do Parque União, onde acontece os shows de forró, recebe em média 5 mil pessoas nos finais de semana e gera cerca de 250 empregos diretos e indiretos. Mas se engana quem pensa que são apenas moradores que frequentam o local. Um dos organizadores dos eventos e morador do Parque União, Edivan Valério, diz que “vem gente de todo lugar: Rio das Pedras, Rocinha, Copacabana, Pavuna, Baixada Fluminense”. Em dia de show de bandas muito conhecidas, chegamos a receber 8 mil pessoa. Depois da Feira de São Cristóvão é o local mais freqüentado pelos forrozeiros e nordestinos, afirma. (Jornal Maré de Notícias, nº 30, p. 14)

Considerações finais

As narrativas contadas pelos jornais comunitários da Maré refletem a riqueza e diversidade das ações de lazer e sociabilidades criadas pelos próprios moradores,

demonstrando um esforço coletivo por desconstruir a imagem negativa e identidade violenta conferida ao conjunto de favelas pela grande mídia. As atividades de esporte e lazer não se restringiram apenas como oportunidades de sociabilidade entre os moradores de conjuntos diferentes da Maré, mas serviram para a criação de vínculos interpessoais e, especialmente, com o território, conferindo um sentimento de identificação e pertença com o lugar mareense.

Ainda que a geografia de alguns conjuntos de favelas da Maré não favorecesse a prática esportiva, como no caso do Morro do Timbau, e ainda que o território seja marcado pela ausência de investimento e equipamentos públicos de qualidade, os mareenses não se conformaram com as dificuldades e criaram, por conta própria, espaços de lazer, diversão, cultura e esportes. E os jornais comunitários, sendo fomentados por moradores que se tornaram protagonistas de suas histórias, também acompanharam o movimento de resgate da autoestima e fortalecimento de identidade do lugar, superando as narrativas de violência amplamente divulgadas.

Esse sentimento de pertença não passou em branco nos jornais de grande circulação, muito recentemente, quando a Maré ganhou os holofotes novamente pelo assassinato da vereadora Marielle Franco. A violência continua como o tema central dessas narrativas, mas ao contar a história da personagem central dessa tragédia, os jornais deram destaque a uma frase de Marielle: “A vereadora se apresentava como ‘cria’ da Maré”. O que deixava claro o orgulho que ela sentia ao falar sobre seu lugar de origem.

Assim, é possível perceber a importância que os jornais comunitários têm no fortalecimento das ações dos moradores em busca de igualdade e justiça, dando visibilidade às práticas positivas e integradoras e voz aos cidadãos historicamente marginalizados e silenciados na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALVITO, Marcos. **Um bicho de sete cabeças. In: As cores de Acari.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001

O CIDADÃO DO BAIRRO MARÉ. *Maré participa da Virada Sustentável.* Disponível em: <http://jornalocidadao.net/2018/06/>. Acesso em: 29/07/2018.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **"Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária."** Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania”, do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Brasília-DF, INTERCOM/UnB. Vol. 6. 2006.

PRETECEILLE, Edmond; VALLADARES, Licia. **Favela, favelas: unidade ou diversidade da favela carioca. O futuro das metrópoles**, Rio de Janeiro, Editora Revan, 2000.

REDES DA MARÉ. *Maré de Notícias edição 89*. Disponível em: <http://redesdamare.org.br/mareonline/2018/06/05/mare-de-noticias-89/> . Acesso em: 29/07/2018.

SANTOS, Milton. **Espaço do Cidadão: O Vol. 8**. Edusp, 2007.

TV Globo. *Polícia e Exército fazem operação contra o tráfico de drogas no conjunto de favelas da Maré*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/policia-faz-operacao-no-conjunto-de-favelas-da-mare-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 29/07/2018.

WOLF, Mauro, and Maria Jorge Vilar de Figueiredo. *Teorias da comunicação*. Presença, 1987.

ZALUAR, Alba. **O contexto social e institucional da violência**. Núcleo de Pesquisa das Violências–NUPEVI do Instituto de Medicina Social da UERJ, 2003